

SENTIDOS VERMELHOS NOS ANOS DOURADOS: UMA ANÁLISE DO ANTICOMUNISMO CATÓLICO EM LONDRINA NO PERÍODO DE 1955 A 1958

Rodrigo Alberto de TOLEDO¹
Aline Loretto GARCIA²

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo analisar o anticomunismo no período de 1955 a 1958 em Londrina, Paraná, a partir do evento Marcha da Produção, noticiada pelo Jornal Folha de Londrina no ano de 1958. Utilizaremos como referencial metodológico a análise do discurso (AD) de linha francesa fundamentada nos estudos de Pêcheux (1997) e os mecanismos de estruturação do discurso anticomunista das lideranças londrinenses católicas a partir da década de 1950. A partir de levantamento de fontes documentais e bibliográficas, especificamente de textos produzidos por representantes da Igreja Católica do Norte do Paraná durante o período de análise proposto, analisaremos o anticomunismo católico do ponto de vista dos elementos imagéticos que os orientaram. A complexidade histórico-política do período temporal de referência deste artigo evidencia como a textualização sobre o comunismo no *Jornal Folha de Londrina* está vinculada a um discurso sobre outros discursos pré-construídos. Dividimos o presente artigo em três eixos: no primeiro, **Os anos JK: o anticomunismo enquanto legitimador da política desenvolvimentista** produziremos uma análise do governo de Juscelino Kubitschek que se posicionou contrário ao comunismo enquanto concepção de sociedade e organização das estruturas econômicas e políticas. No segundo, **As multifaces do anticomunismo no Brasil**, focalizaremos o debate teórico sobre o conceito de anticomunismo, apontando as suas várias vertentes brasileiras interpretativas. Por último, em **Palavra, Fé e Poder: sentidos anticomunistas e a Igreja Católica em Londrina (1955-1958)** sistematizaremos os textos das lideranças católicas sobre o comunismo para, posteriormente, analisá-los com o referencial teórico proposto da análise do discurso.

PALAVRAS-CHAVE: Comunismo. Anticomunismo. Análise do discurso. Governo Juscelino Kubitschek. Londrina.

Introdução

Este artigo tem como objetivo entender os mecanismos de funcionamento do discurso anticomunista das lideranças católicas, no período de 1955 até 1958, período este que a historiografia e as Ciências Sociais convencionaram chamar de democrático. Para tanto partiremos de um acontecimento - a Marcha da Produção-noticiada pelo jornal *Folha de Londrina* no ano de 1958, que a princípio faz parte de fatos do cotidiano da vida londrinense,

¹ UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Departamento de Administração Pública. Araraquara - SP - Brasil. 14800-901 - ro-toledo@hotmail.com.br

² Mestranda em História Social. UEL - Universidade Estadual de Londrina – Pós-graduação em História Social. Londrina – PR – Brasil. 86057-970 - alineloga@bol.com.br

Sentidos vermelhos nos Anos Dourados: uma análise do anticomunismo Católico em Londrina no período de 1955 a 1958

e aos poucos toma proporção de acontecimento político de repercussão nacional, já que se coloca contra o governo JK e sua política econômica. Um movimento que ao programar marchar em caravana até o Catete, para entregar ao presidente um conjunto de reivindicações dos cafeicultores do Norte do Paraná, revela uma força política até então inimaginável dos cafeicultores da região.

As notícias sobre esse acontecimento começam bem antes do dia 18 de outubro de 1958 - data marcada para realização da Marcha. Notícias estas que prefiguram discursivamente o acontecimento, dando-lhe forma e conteúdo. Discursividade marcada por condições de produção que revelam forte identificação do jornal com os interesses dos cafeicultores, dos grupos e setores da sociedade que se articulavam ao redor do acontecimento.

Há, no ano de 1958, notícias publicadas pela *Folha de Londrina* acerca de um espectro, o avesso do movimento burguês. Um espectro que serve, inclusive, para justificar a legalidade da Marcha, que é o comunismo. No século XIX Marx escreveu que um espectro aterrorizava a Europa: o espectro do comunismo. Para persegui-lo unem-se numa Santa Aliança todas as potências da Velha Europa: O Papa e o Czar, Guizot e Meternich, os radicais da França e os policiais da Alemanha (MARX; ENGELS, 1997).

Como afirmou Marx e Engels (1997), o comunismo foi efetivamente um espectro rondando a sociedade capitalista. Contudo, embora sua afirmação tenha sido feita em meados do século XIX, ela se aplica melhor ao século XX, quando o fantasma comunista adquiriu um poder sem precedentes de amedrontar vários setores da sociedade.

No século XX, o conflito que colocava frente a frente comunismo e anticomunismo ocupou posição central, sendo um dos elementos destacados da dinâmica política, cultural e nas relações internacionais. Não é possível compreender os acontecimentos mundiais das últimas décadas sem levar em consideração os embates em torno do comunismo.

Se olharmos para o quadro nacional identificamos que o anticomunismo teve uma posição marcante na história brasileira das últimas décadas do século XX, sendo que a igreja católica constituiu-se na instituição não estatal mais empenhada no combate aos comunistas ao longo do século XX (MOTTA, 2002).

Nesse contexto, durante o período compreendido entre outubro de 1917 e a crise do socialismo real, marcado pela queda do Muro de Berlim em 1989, o anticomunismo esteve presente nos mais remotos rincões. Esteve presente inclusive em textos no jornal *Folha de*

Sentidos vermelhos nos Anos Dourados: uma análise do anticomunismo Católico em Londrina no período de 1955 a 1958

Londrina em 1958, sendo inclusive um dos elementos que justificaram a legalidade da Marcha da produção.

Mas quais condições levaram o comunismo a ocupar o lugar do outro no município de Londrina no ano de 1958? Como foram colocados em circulação sentidos sobre o comunismo em Londrina que permitiram ser a ameaça comunista um dos legitimadores da Marcha da Produção?

Para respondermos a essas questões partiremos de textos produzidos por alguns representantes da Igreja do Norte do Paraná, mais precisamente Geraldo Fernandes, bispo da cidade de Londrina e Dom Geraldo de Proença Sigaud, bispo da cidade de Jacarezinho, que apoiaram a Marcha da Produção e ao mesmo tempo introduziram um discurso sobre o anticomunismo.

Nesse sentido, analisaremos neste artigo o anticomunismo católico e buscaremos identificar quais os elementos que o compunham, que tipo de imagens, adjetivos e caracterizações os anticomunistas utilizavam, bem como as formações ideológicas que os governavam.

Para buscar os sentidos que emanam dos textos das lideranças católicas utilizaremos da Análise do Discurso (AD) de linha francesa, fundamentada em Pêcheux (1997)³. Baseando-nos na AD, tomaremos como ponto de partida a materialidade linguística e histórica do discurso, assumindo a não separação entre linguagem história e ideologia. Daí a importância de se levar em consideração a atuação do Partido Comunista Brasileiro (PCB) no norte do Paraná, na década de 1950.

No início da década de 1950, o PCB impôs sua agenda de esquerda e colocou os camponeses e a luta no campo como questões nucleares da sua política. No Norte do Paraná temos a Guerra de Porecatu, luta pela defesa da posse da terra, desencadeando um dos mais importantes conflitos de terra do Estado do Paraná no século XX. Nesse processo, os comunistas londrinenses tiveram um importante papel como líderes intelectuais do conflito.

Em meados da década de 1950 os comunistas londrinenses voltaram à cena, agora em uma ferrenha luta pela sindicalização do trabalhador rural, com a criação, em janeiro de 1956, do Sindicato dos Colonos e Assalariados Agrícolas de Londrina e Região, primeiro sindicato de trabalhadores rurais do Norte do Estado, cujo raio de atuação rompia com as fronteiras do município.

³ Para uma maior reflexão acerca da análise do discurso de linha francesa ver Michel Pêcheux (1997).

Sentidos vermelhos nos Anos Dourados: uma análise do anticomunismo Católico em Londrina no período de 1955 a 1958

A complexidade histórica-política das questões mencionadas acima, mostra como a textualização sobre o comunismo no Jornal Folha de Londrina em 1958, está ligada a um pré-construído. O pré-construído é, para AD, um elemento produzido em um discurso anterior ao discurso em estudo, independente, isto é, partindo do ponto de vista de que todo discurso nasce de um trabalho sobre outros discursos, é improvável que não encontremos em todos eles elementos pré-construídos. Além do pré-construído, objetivamos identificar nos textos os efeitos estratégicos utilizados pelos agentes do discurso, as relações de força e as formações ideológicas que os governam.

Com o intuito de atingirmos este objetivo, dividimos este artigo da seguinte forma: primeiro será feita uma análise do governo de Juscelino Kubitschek, ressaltando sua atuação diante do comunismo. Posteriormente faremos uma discussão teórica do conceito de anticomunismo e das várias vertentes que assumiu no Brasil e por último analisaremos os textos das lideranças católicas acerca do comunismo, buscando identificar quais sentidos emanam destes.

Os anos JK: o anticomunismo enquanto legitimador da política desenvolvimentista

A interpretação dos sentidos que emanam dos textos das lideranças católicas acerca do comunismo só é possível ser identificada se conhecermos as condições de produção desses textos, ou melhor, a conjuntura sócio-histórica da época, especialmente os elementos que caracterizam o governo JK (1956-1961), a sua relação com o comunismo e a atuação do PCB durante o período.

Os anos do governo JK entraram para a memória coletiva brasileira com a expressão “anos dourados”. Tal expressão foi construída, de acordo com Veloso (2002), alicerçada no clima de euforia vivenciado na época. O fim do Estado Novo, a emergência do teatro da revista, o surgimento dos rádios, são elementos importantes para dimensionarmos essa euforia. Os primórdios da televisão, a multiplicação dos jornais e dos leitores contribui para a construção da ideologia dos Anos Dourados.

Segundo Gomes (2002), a trajetória da República Brasileira, tão cheia de golpes e governos de exceção, explica o destaque reservado ao governo civil que conseguiu ser eleito, tomar posse e empossar seu sucessor. Ainda segundo essa autora, o triunfo da democracia brasileira fica ainda mais forte porque associada a um projeto de modernização do país,

Sentidos vermelhos nos Anos Dourados: uma análise do anticomunismo Católico em Londrina no período de 1955 a 1958

chamado de Plano de Metas: são os “50 anos em 5”. O Plano foi consolidado em um conjunto de 30 de objetivos a serem alcançados em diversos setores da economia, e que na última hora incluiu mais uma meta, chamada a “meta síntese”: a construção de Brasília. A partir de orientações da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos, assim como do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico (BNDE) e da Comissão Econômica para a América Latina e para o Caribe (Cepal), o programa foi formulado com o intuito de eliminar os “pontos de estrangulamento” da economia brasileira. Tratava-se de setores críticos que não permitiam um adequado funcionamento da economia, como proposta de superação de obstáculos estruturais. O Plano de Metas tinha como base cinco setores da economia, para os quais os investimentos públicos e privados tinham de ser canalizados. Os setores que mais recursos receberam foram: energia, transporte e indústria de base, com um total de 93% dos recursos alocados. Um percentual que demonstra por si só que os outros dois setores incluídos no plano, alimentação e educação, não mereceram o mesmo tratamento dos primeiros.

Segundo Benevides (2002), a marca de JK na construção da crença do Brasil como o “país do futuro” está presente na fusão de dois brasis, o rural e o industrial. As forças do atraso no projeto de JK estavam presentes no mundo rural. Seu plano de metas, embora abrangesse todos os ramos da atividade econômica, enfatizava a indústria deixando em segundo planos os setores agrícolas. Ou seja, era necessário superar a “vocação agrícola” do país. Essa “vocação” encontrava seu maior expoente nas lavouras de café. Vários movimentos de agricultores protestaram contra a política econômica de JK. A Marcha da Produção – movimento de cafeicultores do Norte do Paraná – é apenas um exemplo entre outros. Um Manifesto do Partido Republicano, de 1957, insistia que era necessário fomentar a produção cafeeira. A Sociedade Rural Brasileira insistia, em 1959, que as diversidades regionais deveriam ser consideradas para que o país se desenvolvesse (CAMARGO, 1978).

JK tentou conciliar e minimizar a tensão entre esses “dois mundos”: o rural e o urbano. Benevides (2002), ao apontar uma espécie de juscelinismo na cultura política brasileira, diz que o presidente,

[...] nas palavras de Celso Lafer, procurou a conciliação entre o velho e o novo, entre as elites e as massas. Esse ismo também se identifica com um novo tipo de nacionalismo, que se distanciava do nacionalismo getulista pela ênfase concedida ao capital estrangeiro cujo ingresso privilegiado constituirá o principal motivo das críticas das esquerdas ao governo. Esse nacionalismo de certa forma confundia-se com o desenvolvimentismo em termos de mobilização de recursos e de apoio, como também no nível ideológico,

Sentidos vermelhos nos Anos Dourados: uma análise do anticomunismo Católico em Londrina no período de 1955 a 1958

graças ao grupo de intelectuais articulados em torno do Instituto de Superior de Estudos Brasileiros (ISEB). (BENEVIDES, 2002, p.25).

Portanto, esse juscelinismo para Benevides (2002) representava uma posição inovadora quanto à industrialização e ao crescimento econômico, e uma aliança política conservadora que reunia os interesses da burguesia internacional, da oligarquia rural e da classe média tradicional, representada pelo PSD (Partido Social Democrático) e pelo PTB (Partido Trabalhista Brasileiro). Essa composição buscava apoio para uma industrialização modernizadora aliada à manutenção de paz e tranquilidade no campo. Benevides (2002) aproxima o juscelinismo do populismo. Em sua opinião, o juscelinismo levou ao máximo as virtualidades do período populista. Essas virtualidades estavam presentes na conjugação entre o nacionalismo de herança varguista e de um novo modelo de desenvolvimento, entendido não apenas como crescimento tradicional, mas também crescimento com mudança estrutural, profundamente dependente de planos específicos de execução em um prazo determinado. No populismo juscelinista estava clara a proposta para o futuro além de uma aliança contraditória entre um partido conservador de base rural (PSD), e uma agremiação urbana (o PTB).

Para Skidmore (1986), a estratégia política e econômica de JK merece o rótulo de “nacionalismo desenvolvimentista”, pela forma como foi apresentada ao povo brasileiro; ou seja, os propósitos e ações do governo eram reforçados por um apelo ao senso de nacionalismo: a solução para o subdesenvolvimento nacional, com todas as injustiças sociais e tensões políticas decorrentes, deveria ser a industrialização acelerada. Com efeito, o populismo juscelinista pode ser visto como um novo tipo de conciliação, ao mesmo tempo modernizante e conservadora, e com um “novo” nacionalismo voltado para as experiências de um capitalismo periférico e dependente do capital estrangeiro.

O PCB, durante os dois primeiros anos JK, adaptou-se à política do nacional-desenvolvimentismo e começou a criticar o governo pela crescente inflação. No seu quinto congresso, o partido aprovou resolução que enfatizava especialmente a mobilização dos trabalhadores rurais, segundo a tese de que a revolução brasileira teria um caráter antifeudal (CHILCOTE, 1982). O PCB passou a defender o jogo democrático e, embora não obtivesse sua legalização, participava intensivamente dos espaços abertos pelo jogo político institucional, seja no sindicato, no campo, no movimento estudantil e nos movimentos culturais.

Há que se considerar, ainda, os impactos do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), em 1956, onde foram apontados os erros do estalinismo. Isso criou

Sentidos vermelhos nos Anos Dourados: uma análise do anticomunismo Católico em Londrina no período de 1955 a 1958

não somente um clima de perplexidade nas fileiras do PCB, mas, sobretudo, permitiu abertura para críticas internas ao dogmatismo, ao esquerdismo e ao centralismo democrático que caracterizavam o partido nos anos anteriores. É importante assinalar que foi justamente por meio destas condições internas que o partido acabaria por “rachar” nos anos seguintes, dando origem à cisão que resultaria em dois partidos, o PCB e o PC do B.

No entanto, o fato do PCB ter uma atividade mais autônoma durante o governo de JK não significou que, durante esse período, o anticomunismo não estivesse presente. Muito pelo contrário. Como afirma Cardoso (1978), o anticomunismo foi um dos recursos utilizados por JK na construção da ideologia desenvolvimentista.

Segundo Cardoso (1978), há uma vinculação direta entre a ideia de ordem e o desenvolvimentismo; no limite, observa-se uma associação entre ordem e desenvolvimento em um só processo e finalidade. Essa associação ficou patente no discurso proferido em 1957 por JK.

A manutenção indefinida desse estado de coisas transformaria nossas sociedades em um cadinho de ressentimentos e de revolta, e presa fácil a generalizações simplificadoras de doutrinas materialistas, que acenam com soluções rápidas e drásticas [...]. O caminho mais seguro para entregar à América Latina a ação do materialismo desagregador é, precisamente a do desconhecimento das suas condições materiais. Relegar o segundo plano as condições materiais, equivaleria com o tempo, à entrega da América Latina ao materialismo [...]. Não há, a história nos ensina (sic.), consciências das liberdades civis e da luta pela sua preservação, quando a própria subsistência se encontra ameaçada pelos rigores do pauperismo. (OLIVEIRA, J., 1957, p.28).

A partir desse discurso, podemos identificar que, para JK, condições muito precárias de vida são consideradas um perigo para a democracia. A luta pela superação da miséria seria um esforço articulado que, na sua conjuntura concreta é econômico, mas em profundidade é político, pois é uma luta pela democracia. Cardoso (1978) destaca, ainda, que JK propõe uma forma dos países subdesenvolvidos combaterem o comunismo. Um método de combate ao comunismo no qual a democracia seria preservada através da erradicação da pobreza; ou seja, o desenvolvimentismo proposto por JK jamais aparece somente como uma questão econômica, sua dimensão política é crucial.

Para Cardoso (1987), JK considera a pobreza como potencialmente geradora não só de intranquilidade, como de revolta e subversão. Na segunda parte de sua mensagem ao Congresso Nacional em 1957, afirma que a ampliação de nossa base econômica, através de maiores facilidades financeiras do exterior, “[...] viria afastar progressivamente pela melhoria

Sentidos vermelhos nos Anos Dourados: uma análise do anticomunismo Católico em Londrina no período de 1955 a 1958

das condições de vida do povo, a possibilidade de infiltrações comunistas que, mercê de Deus, não encontram curso no espírito cristão e democrático.” (OLIVEIRA, J., 1957, p.38). JK faz questão de frisar que o esforço desenvolvimentista parte da ordem para se processar dentro dela e em seu nome. E mais, a luta pelo desenvolvimentismo teria por objetivo fortificar o sistema de defesa da democracia. A pobreza, para JK, trata-se de um problema econômico que origina um perigo político (subversão); para combater esse perigo, JK propõe uma solução econômica: o investimento na industrialização com a cooperação internacional.

Dessa forma, segundo Cardoso (1978), o governo de JK busca definir uma posição específica dos países subdesenvolvidos face ao problema. Na Guerra Fria, a ação dos países subdesenvolvidos vinculados ao bloco ocidental deveria ser uma ação preventiva da eliminação das fontes geradoras da insatisfação contra a ordem. Desse modo, uma ação contra a miséria, uma ação para o desenvolvimento, era considerado o único meio de combate profundo à subversão. Baseado nesta perspectiva é que o governo JK não aceita dar um tratamento meramente policial ao comunismo, procurando mostrar que as raízes do mal são econômicas e como tal devem ser tratadas. Ainda segundo Cardoso (1978), para a concepção desenvolvimentista de JK, os problemas dos países pobres transcendem suas fronteiras e atingem todo o mundo. A responsabilidade pelo desenvolvimento das regiões subdesenvolvidas passa a ser comum também aos países desenvolvidos. Dessa forma, os países subdesenvolvidos jogam sua fidelidade ideológica com a necessidade de ajuda dos povos desenvolvidos.

Em discurso de 1958, JK afirmou:

Se estivermos todos prontos a aceitar que a política do bloco soviético, que procura impor ateísmo ao mundo como filosofia e ideal dos povos necessita da revolta criada pela miséria para impor-se [...] chegamos à conclusão que a defesa e os valores democráticos está no desenvolvimento econômico [...]. A situação econômica da América Latina tem que melhorar se a democracia quiser prevalecer. (OLIVEIRA, J., 1958, p.12).

Assim fica especificada a perspectiva política de JK: mudar, desenvolver o país, dentro da ordem, integrando a nação ao sistema a que pertence, o bloco ocidental capitalista, impedindo o surgimento e a infiltração de ideias comunistas. É possível afirmar, dessa forma, que o anticomunismo enquanto ideologia nacional foi construído como fundamento da ideologia desenvolvimentista. Com efeito, busca o desenvolvimento justamente para barrar a infiltração comunista no Brasil. Ao mesmo tempo, pudemos visualizar que as práticas

Sentidos vermelhos nos Anos Dourados: uma análise do anticomunismo Católico em Londrina no período de 1955 a 1958

anticomunistas existem e têm importância histórica não apenas enquanto reação em momentos de instabilidade social, mas também em períodos tidos como democráticos, como o governo JK.

As multifaces do anticomunismo no Brasil

Definir anticomunismo, em princípio, parece ser bastante simples, mas tal simplicidade recobre uma realidade bastante complexa e repleta de nuances. Poderíamos definir anticomunistas os indivíduos e grupos dedicados à luta contra o comunismo, pela palavra ou pela ação. Ressalta-se, comunismo entendido como a síntese marxista-leninista, originadora do bolchevismo e do modelo soviético (BERSTEIN; BECKER, 1987).

Os trabalhos de História e Ciência Política sobre o anticomunismo são bastante escassos. A maioria dos autores que refletiram acerca da questão ou fizeram no bojo de obras dedicadas ao Estado Novo ou ao Golpe de 1964. Assim, o anticomunismo aparece nesses trabalhos como questão subsidiária, desdobramento analítico operado a partir do enfoque em conjunturas históricas mais abrangentes que compõe o centro de abordagem. Poucos estudos foram dedicados integralmente à questão anticomunista e seus desdobramentos.

Entre os trabalhos que tomaram o anticomunismo como objeto central de análise merece destaque o estudo realizado pelo historiador Rodrigo Patto Sá Motta, intitulado: *Em guarda contra o Perigo Vermelho*. Neste estudo, Sá Motta preocupou-se com o anticomunismo em duas dimensões: representações e ações. Assim, o fenômeno foi analisado, por um lado, como um corpo doutrinário que constrói um conjunto de representações, e por outro, como um conjunto político que engendra a militância e a ação de grupos organizados (MOTTA, 2002).

As análises desenvolvidas por Motta em sua obra servirão como base para as reflexões que faremos acerca das multifaces que o anticomunismo assumiu no Brasil, sem com isso desconsiderar as contribuições de outros autores que refletiram acerca da questão.

Para Motta (2002), as representações anticomunistas brasileiras provem, fundamentalmente, de três matrizes básicas: o nacionalismo, o liberalismo e o catolicismo. Evidentemente não se trata de uma separação rígida, pois no processo social concreto as elaborações podem parecer combinadas. Mas isto não altera o fato de que tratam-se de

Sentidos vermelhos nos Anos Dourados: uma análise do anticomunismo Católico em Londrina no período de 1955 a 1958

formações discursivas, identificáveis à partir de um olhar analítico, e que existem diferenças apreciáveis separando-as.

A partir de agora apresentaremos algumas características das principais fontes, segundo Motta (2002), a fornecerem argumentos para a constituição de representações acerca do “perigo vermelho” no Brasil: o nacionalismo, o liberalismo e o catolicismo.

Nacionalismo

O nacionalismo constitui-se em uma importante matriz do anticomunismo brasileiro. Há necessidade de se ter cuidado ao utilizar o termo, já que o “nacionalismo” adquiriu vários significados ao longo do período contemporâneo, sendo reclamado por grupos defensores de projetos políticos diferentes ligados tanto à direita quanto à esquerda.

O nacionalismo que serviu de inspiração anticomunista tem origem em modelos conservadores elaborados no século XIX, principalmente associados ao romantismo alemão. Tal vertente do nacionalismo encontrava seu fundamento central na visão da nação como conjunto orgânico, unidade superior a qualquer conflito social. Esse nacionalismo enfatizava a defesa da ordem, da tradição e da centralização, contra as forças centrífugas da desordem (GIL, 1989).

A nação, o conjunto formado pelo povo brasileiro unido ao território e ao Estado, seria intocável, ou seja, receberia a aura de objeto sagrado. Nesse sentido, os comunistas seriam elementos deletérios, pois instigavam a divisão e a própria destruição do corpo nacional, à medida que insuflavam a luta de classes.

Uma outra característica do nacionalismo anticomunista era o repúdio pelas posições internacionalistas dos comunistas, e a vinculação destes ao Estado Soviético. Nesse sentido, os comunistas eram vistos como agentes de uma potência estrangeira, a URSS, o que os tornavam traidores do Brasil. A propaganda anticomunista utilizou-se com frequência destes argumentos. Assim, os comunistas foram acusados tanto de tentar destruir a pátria, em algumas versões, como de vendê-la em troca do ouro de Moscou, em outras (MOTTA, 2002).

Destarte, o anticomunismo de inspiração nacionalista acusa os militantes comunistas de serem elementos estranhos ao Brasil e as ideias defendidas por eles seriam formulações provenientes de países estrangeiros, ideias que nenhuma relação teriam com a realidade

Sentidos vermelhos nos Anos Dourados: uma análise do anticomunismo Católico em Londrina no período de 1955 a 1958

nacional. O caráter, a alma, o sentimento brasileiro, não se contabilizariam com o ideal bolchevista, elaborado em terras muito distintas da pátria brasileira.

Quando se analisa o anticomunismo de inspiração nacionalista outra constatação se evidencia, os militares constituíam-se no grupo social mais receptivo às propostas de mobilização contra o perigo vermelho, em defesa da pátria e da nação e este fato pode ser explicado por alguns fatores. Primeiro, porque sempre houve nas Forças Armadas uma tradição de refutar projetos revolucionários, fruto de seu papel constitucional de defensores da ordem. Na qualidade de defensores da ordem, também consideravam ser seu papel preservar a integridade nacional. Nesse sentido, a proposta comunista soava ofensiva por enfatizar e estimular o antagonismo entre os grupos sociais.

Outro fator que contribuiu para o destaque alcançado pelos membros das Forças Armadas no campo do nacionalismo anticomunista foi um acontecimento da história brasileira que agregou novos elementos ao tradicional rol de características negativas atribuídas aos comunistas: a Intentona Comunista de 1935. Os militares que tomaram em armas foram acusados de traidores do Brasil e da instituição militar da qual faziam parte. Além disso, os militares rebelados das guarnições do Rio de Janeiro foram acusados de terem assassinado alguns companheiros de farda enquanto dormiam, ou seja, um ato não somente de traição, mas também de covardia (MOTTA, 2002).

A partir de 1936, e prosseguindo pelas décadas seguintes, a vitória sobre a Intentona Comunista entrou para o calendário cívico das Forças Armadas, passando a ser comemorada nos quartéis. Naquela data os militares recordavam o dia da traição e renovavam os votos de estarem sempre em postos contra a “seita de Moscou”.

Liberalismo

Seguindo as considerações feitas por Motta (2002), optaremos por uma acepção abrangente de liberalismo, entendendo que o programa engloba duas facetas principais: o liberalismo político e o liberalismo econômico. A recusa do comunismo pelos liberais está ligada aos dois postulados referidos anteriormente. Os liberais acreditavam que o comunismo, por um lado, sufocava a liberdade e praticava o autoritarismo político, por outro, destruía o direito a propriedade na medida em que desapossava os particulares de seus bens e os estatizava. É evidente que nem todos os grupos e indivíduos classificáveis como liberais

Sentidos vermelhos nos Anos Dourados: uma análise do anticomunismo Católico em Londrina no período de 1955 a 1958

defendem os dois aspectos. A ênfase no fator político ou econômico podia variar dependendo do caso ou do momento. Quando nos atemos à concepção política da temática liberal, vemos que estes apresentam os Estados comunistas como a antítese da liberdade e da democracia.

Segundo Motta (2002) a década de 1950, período de análise deste artigo, foi o momento em que o anticomunismo de cunho liberal teve maior destaque no Brasil. Nesse período, os anticomunistas liberais procuravam estabelecer a contraposição democracia versus liberalismo, não apenas denunciando os riscos que a democracia estava correndo, mas estendendo o rótulo de democratas a todos os grupos anticomunistas.

A ênfase na retórica democrática correspondia também a uma estratégia de alinhamento internacional. Na Guerra Fria, o bloco anticomunista era liderado pelos EUA. Na visão dos americanos e dos seus aliados europeus ocidentais, a luta contra os países comunistas ligava-se ao objetivo de firmar a democracia contra a tirania. Os anticomunistas brasileiros procuravam, assim, vincular-se ao mundo “ocidental, livre e cristão” que os conduzia a uma identificação com os valores das nações democráticas.

Outra dimensão do anticomunismo liberal, como já foi assinalada, é àquela permeada pela questão econômica, ligada fundamentalmente à defesa da propriedade. O argumento central desta vertente é a ideia de que a propriedade é um direito individual, inalienável, sagrado para os mais enfáticos, e integrante do rol das liberdades fundamentais do ser humano. No entanto, o reconhecimento do direito a propriedade não significava uma atitude crítica em relação ao capitalismo. Muitos anticomunistas afirmavam o caráter intocável da propriedade individual ao mesmo tempo em que teciam críticas agudas ao capitalismo. Segundo Motta (2002) ao longo da história do anticomunismo brasileiro, as manifestações em defesa simplesmente da propriedade, foram mais comuns que as profissões de fé no capitalismo.

Portanto, no governo JK, como afirmamos anteriormente, o anticomunismo vinha envolvido por representações que evidenciaram a dimensão econômica do anticomunismo liberal. Nesta perspectiva, o comunismo é um entrave para o desenvolvimento econômico e para a modernização dos países.

Catolicismo

Sentidos vermelhos nos Anos Dourados: uma análise do anticomunismo Católico em Londrina no período de 1955 a 1958

Provavelmente a Igreja Católica constitui-se na instituição não estatal mais empenhada no combate ao comunismo ao longo do século XX. Segundo Rodeghero (1998), para alguns intelectuais católicos, dos erros iniciados pela humanidade no período da Renascença, o comunismo era o último desdobramento da modernidade do século XX. Haveria uma cadeia de causalidade ligando a Reforma Protestante à revolução comunista. Assim, a origem do mal estaria na reforma, que teria dado o primeiro golpe no edifício da civilização cristã. O espírito reformador, para eles, estaria presente nos filósofos iluministas e nos revolucionários, pois lançaram a semente do questionamento da ordem e da hierarquia (RODEGHERO, 1998).

Plínio Correa de Oliveira (1959), um dos líderes do movimento católico conservador Tradição, Família e Propriedade (TFP), afirma que todos os imponderáveis da explosão luterana traziam consigo, de modo autêntico e pleno, o espírito de Voltaire e Robes Pierre, de Marx e de Lenin.

Desde o século XIX, o papado, considerado a maior autoridade católica em assuntos doutrinários, vinha se preocupando com o comunismo, sendo que a primeira encíclica dedicada a condenar os revolucionários foi o *QUO Apolici muneris*, marco do posicionamento da Igreja em relação à questão social. Neste documento o Papa exorta os operários para organizarem-se em corporações cristas no sentido de enfraquecer a expansão do comunismo.

A partir da Revolução Russa de 1917, os temores dos católicos se intensificaram. Algumas políticas adotadas pelo governo soviético pareciam confirmar algumas suspeitas da Igreja em relação aos comunistas. Afirmando estarem golpeando a contra revolução, os bolcheviques desencadearam a perseguição as instituições religiosas, prendendo cristãos e fechando seus templos. Os comunistas se empenhavam em uma campanha para eliminar a influencia religiosa que muito se assemelhava aos acontecimentos da França Jacobina (VOLVELLE, 1989).

Em 1937 surge o mais forte pronunciamento anticomunista do papado a Encíclica *Dividis Redemptoris*, editada pelo papa Pio XI. Esta encíclica conclamava os católicos a uma atuação no campo social visando anular a atuação dos comunistas, defendia os princípios cristãos da justiça social em oposição aos dogmas da economia liberal. E depositava grande esperança na colaboração entre as classes (RODEGHERO, 1998).

No Brasil a preocupação de preservar a Igreja da infiltração comunista se manifestou em diversas ocasiões, principalmente após 1940. O crescimento eleitoral do PCB após 1945 causou grande ansiedade nas lideranças católicas, temerosas que o apoio ao Partido Comunista crescesse entre seus fiéis. A apreensão foi intensificada em função da estratégia

Sentidos vermelhos nos Anos Dourados: uma análise do anticomunismo Católico em Londrina no período de 1955 a 1958

adotada pelo partido, que procurou dissociar sua imagem do ateísmo visando vencer as resistências do eleitorado católico. A Igreja reagiu através de seus líderes religiosos que escreveram várias obras anticomunistas neste contexto.

A partir dos anos de 1950, a visão de que o comunismo era uma ameaça interna a Igreja se intensificou, na medida em que surgia uma esquerda católica ligada ao apostolado leigo, principalmente a Juventude Universitária Católica (JUC). O crescimento do progressismo em setores do clero foi apresentado como resultado da mais recente ofensiva de Moscou, que pretendia enfraquecer a Igreja (BEOZZO, 1964). A reação foi dura por parte dos setores conservadores da Igreja, como veremos posteriormente.

Há que se ressaltar que o compromisso dos religiosos para com o anticomunismo não se restringiu ao espaço interno da Igreja, ou seja, às possibilidades de doutrinação oferecida pelas missas. Os líderes religiosos usavam o seu prestígio e força política para atingir a população através de outros meios que não fossem a própria Igreja, ocupando espaços sociais externos. Muitos clérigos foram aos jornais e rádios para pregar contra o comunismo.

Na próxima seção analisaremos nosso terceiro eixo, os textos de religiosos católicos acerca do comunismo, publicados no jornal *Folha de Londrina* na década de cinquenta. Perceberemos que estes textos, apesar de estarem filiados a uma formação discursiva religiosa católica, são atravessados pelos ideais do nacionalismo e do liberalismo, que junto com o próprio catolicismo constituem-se nas três matrizes doutrinárias do anticomunismo brasileiro.

Palavra, Fé, Poder: Sentidos Anticomunistas e a Igreja Católica em Londrina (1955-1958)

Textos publicados pelo jornal *Folha de Londrina* ao longo da década de 1950, nos quais o discurso anticomunista se faz presente, constituem-se no nosso corpus de análise. Eles permitirão uma maior aproximação do objeto de interesse deste artigo, ou seja, do discurso anticomunista da Igreja Católica de Londrina e do norte do Paraná. Assim, selecionamos como porta de entrada da perspectiva anticomunista religiosa difundida na região, três textos publicados pelo periódico entre 1955 e 1958, período que engloba o mandato do presidente Juscelino Kubitschek.

No dia 2 de outubro de 1958, um domingo, o jornal *Folha de Londrina* publicava parte de uma oração que havia sido proferida pelo bispo D. Geraldo de Proença Sigaud, dias antes,

Sentidos vermelhos nos Anos Dourados: uma análise do anticomunismo Católico em Londrina no período de 1955 a 1958

em uma reunião preparatória para a Marcha da Produção, acontecimento programado para acontecer em meados daquele mês. Sigaud, na ocasião bispo de Jacarezinho, era figura central na organização do movimento e dava os primeiros passos em sua trajetória anticomunista, que o levaria, poucos anos depois, a constituir-se em um dos pilares do anticomunismo brasileiro, tendo sido um dos fundadores do movimento católico ultraconservador “Tradição. Família e Propriedade” (TFP). Em 1963, o então bispo de Diamantina, Minas Gerais, atuaria intensamente nas campanhas anticomunistas tendo escrito o livro “Catecismo Anticomunista”, no qual procurava conceituar o comunismo através de 102 perguntas com as respectivas respostas.

A “oração” publicada pelo periódico tem o seguinte teor:

Meus queridos filhos lavradores do Paraná. Vós estais aqui, diante do altar de Deus de Paz, do Deus da Justiça. E nesse espírito cristão vós vindes pedir a Deus inspiração para vós e para aqueles que os governam. Benção e inspiração para que o Espírito Santo vos ilumine e a eles. A vós, ao presentardes vossas pretensões para que os ilumine neste momento solene e grave da história da nossa diocese, quando a preocupação bate a porta da lavoura, onde tanto o empregador, o fazendeiro, como o assalariado –seja ele colono ou outra maneira qualquer de assalariado–olhem para o futuro com preocupação.

Este fenômeno, porém meus filhos é fruto de uma evolução longa. Não é de hora que esta situação esta se verificando. Ela vem marchando lentamente e cada vez mais se agravando, ao ponto de, neste ano, vos sentirdes cravarem-se as garras da preocupação em vossas almas, substituindo aquele fenômeno que em outras nações se verificou, mas que nós sentimos em nossa carne, por ele se verificar também aqui. É a socialização da nação, do Estado. É a penetração dos princípios do socialismo dentro do governo brasileiro, como tem havido no governo da Inglaterra, na França, e em outros países. Esta teoria mirabolante, sem funcionamento na realidade, este sonho utópico de um Estado que seja como outro Deus, onipresente, presente em toda parte, que sabe tudo, pode tudo e então substitui a iniciativa particular. O Estado que penetra na vida econômica da Nação, regulamentando ela. É a penetração do socialismo pois (sic.).

Quanto a isso, meus queridos filhos, a Igreja tem uma palavra a dizer. Esse sistema é injusto, este sistema é antinatural. O Direito Natural do qual a Igreja é guardiã, do qual ela é defensora intemerata. Esse Direito Natural garante a quem produz o fruto de seu trabalho.

Por isso vós deveis continuar lutando, lutando contra o confisco cambial, reconhecendo ao governo o direito sagrado que tem de impor seus tributos, de cobrar seus impostos. Mas, também aí vós tendes uma palavra a dizer. O imposto deve ser público, quer dizer, o fazendeiro, o negociante, deve saber o que esta pagando e não deve ser escamoteado de uma maneira inconfessável de tal sorte que a nação que a nação não saiba se quer qual o imposto pago. Isto é injusto, é imoral. (FOLHA DE LONDRINA, 1958, p.8).

Sentidos vermelhos nos Anos Dourados: uma análise do anticomunismo Católico em Londrina no período de 1955 a 1958

As condições que caracterizam a produção desse discurso são entendidas aqui no sentido dado por Mainguenu (1976), no qual o texto está inevitavelmente ligado a condições contextuais. Assim, tais condições fazem parte constitutiva do que foi dito pelo nosso personagem, e através da análise estabeleceremos a relação entre o enunciado e sua exterioridade.

Este texto de outubro de 1958 é um sermão proferido por Sigaud na ocasião da concentração que a Associação Paranaense de Cafeicultores, e outras entidades rurais paranaenses que tinha como objetivo sensibilizar o presidente da república diante das dificuldades que os cafeicultores paranaenses enfrentavam com a instabilidade do preço do café no mercado internacional.

O “sermão” é, como qualquer discurso, uma forma social de apropriação da linguagem, no qual o sujeito do enunciado tem a ilusão de estar na origem do que foi dito, mas, no entanto, é interpelado pela ideologia.

A fala de Sigaud inicia-se com a configuração típica do discurso religioso (ORLANDI, 1983). Os sujeitos são identificados entre si desde o início com o vocativo “filhos”. Esse processo homogeneiza os elocutórios-aqueles que ouvem o sermão na igualdade. Processo que também se evidencia quando Sigaud afirma que tanto o empregado fazendeiro-como o assalariado, estariam correndo perigo. Com isso arregimentava-se o maior número de aliados para a causa em questão. Destarte, do ponto de vista da eficácia retórica, a consideração dessa articulação tem a vantagem de evitar a redução dessa pregação a um público restrito, fechado sobre si mesmo.

Outra questão observada na análise do texto é a posição assumida por Sigaud. Percebe-se que o autor coloca-se como intermediário entre Deus e os homens. Ele estabelece uma relação entre o locutor (Sigaud) e o destinatário dos pedidos (Deus). Nessa relação, o locutor aparece como aquele que faz a ligação entre os conflitos da experiência (o político) e a busca para a solução desses problemas (o sagrado). Podemos supor que Deus, inalcançável ao homem comum, necessitava, para ser acionado, do elo representado pelo bispo.

Na sequência da oração, Sigaud refere-se a preocupação que bate à porta da lavoura norte paranaense afirmando ser esse fenômeno fruto de uma longa evolução e que cada vez mais vem se agravando. Para ele, o fenômeno da preocupação, o perigo que aflige a lavoura é a socialização da Nação. Refere-se, no limite, ao perigo comunista com fruto de uma longa evolução e com isto aproxima seu discurso ao de outros religiosos que se referem à escalada comunista sobre o país. É interessante assinalar ainda, nesse caso, tendo como referência o

Sentidos vermelhos nos Anos Dourados: uma análise do anticomunismo Católico em Londrina no período de 1955 a 1958

ano de 1958, que a ameaça comunista parece efetivamente tênue. Não se verifica, nesse momento histórico, grandes embates e nem o PCB encontra-se tão ativo, tanto na esfera nacional quanto regional.

Segundo Gorender (2003), militante comunista do período, referindo-se a trajetória do PCB - partido este que fora posto na ilegalidade em 1947-, desenvolveu uma política cada vez mais sectária e com chamamento para a luta armada. Para este mesmo autor, esta política teria sido fadada ao fracasso, pois fora estabelecida fora do contexto da época. Essa atitude teria levado o PCB a tomar uma posição de abstenção nas eleições de 1950, ocasião em que se estabeleceu uma disputa entre os candidatos de Getúlio Vargas, Cristiano Machado e Eduardo Gomes.

Getúlio, vitorioso, teve seu governo sob ataque incessante do PCB por todo período que governou. Segundo Gorender (2003), quando a crise do governo de Getúlio chegou ao seu auge sob o fogo cerrado da direita, o PCB não teria se dado conta de que a conjuntura sofrera uma mudança radical e, somente alguns dias antes do suicídio do presidente, Prestes conclamou o PCB pela imprensa a apoiar Getúlio. Após seu suicídio, as massas trabalhistas saíram às ruas e os militantes comunistas não teriam tido alternativa senão a de juntar-se, nos mesmos protestos aos grevistas. Segundo o autor, esta questão, que deixou o PCB perplexo, influenciou na posição com relação à JK. Assim nas eleições de 1955, o PCB resolveu respaldá-lo, e, com sua vitória, decidiu-se por apoiá-lo.

Consideremos ainda nesse contexto, a *Declaração de Março* documento de 1958 que apresentava como ponto central uma estratégia de conciliação de classes com a burguesia, mesmo que em seu teor procurasse evidenciar a existência de duas alas distintas da burguesia, uma nacionalista e outra entreguista, isto é, uma da qual o Partido deveria se afastar servil ao imperialismo e outra, da qual o Partido deveria se aproximar, que queria o desenvolvimento e a independência do país.

Assim, entendendo que “ameaça” comunista é um conceito frágil neste momento, só podemos pensar que a estratégia de Sigaud, ao relacionar o comunismo como o maior perigo para a cafeicultura brasileira, era retomar um pré- construído, que propiciasse o envolvimento de setores mais amplos da sociedade, no sentido de justificar a Marcha da Produção, como um movimento de libertação das forças do mal e não o que de fato era, um movimento que buscava, com todas as forças, manter os lucros da agricultura, atividade que estava sendo conduzida para um segundo plano na economia nacional através do Plano de Metas de Jk que privilegiava a indústria.

Sentidos vermelhos nos Anos Dourados: uma análise do anticomunismo Católico em Londrina no período de 1955 a 1958

O pré-construído é, para a AD, um elemento produzido em outro discurso, anterior ao discurso em estudo. Isto é, partindo do ponto de vista que todo discurso nasce de um trabalho sobre outros discursos, encontramos em todos eles elementos pré-construídos. Em 1957, Juscelino Kubitschek de Oliveira (1957), que liderava a TFP, afirmou que todos os imponderáveis da explosão luterana já traziam consigo de modo autêntico e pleno, o espírito de Voltaire, Robespierre, de Marx e Lenin. No caso de Sigaud, o pré-construído trazia a cena também, os movimentos regionais da esquerda, que tanto afligiram as classes proprietárias, a saber: a Guerra de Porecatu, debelada em 1951, e o movimento de sindicalização do trabalhador rural, em meados desta mesma década.

É possível vislumbrar também no texto o jogo de representações imaginárias que o locutor faz do comunismo. Os papéis sociais e institucionais que atribui ao comunismo determinam toda uma gama de expectativas. Assim, para construir uma representação do comunismo, Sigaud recorre a uma formação discursiva liberal, tanto na sua faceta econômica, quanto política. O Estado comunista é representado como a antítese da liberdade e da democracia, e como aquele que substitui a iniciativa privada. A filiação do texto a uma formação discursiva liberal, desta vez de cunho jurídico, também se evidencia em outra parte do sermão, quando Sigaud (1958, p.8), referindo-se ao comunismo, afirma: “Quanto a isso, meus queridos filhos, a Igreja tem uma palavra. Esse sistema é injusto é [...] antinatural. O Direito Natural do qual a Igreja é guardiã garante a quem produz o fruto do seu trabalho.”

Assim, neste texto, para designar o comunismo há a justaposição de duas formações: a liberal e a religiosa. A articulação entre a formação discursiva religiosa e a liberal. A articulação entre a formação discursiva religiosa (a vontade de Deus) e a formação discursiva liberal (os conflitos da experiência humana) permitem que o autor construa uma “economia do sagrado” onde a vontade de Deus e a vontade dos homens buscam constantemente um equilíbrio.

Chegamos a uma etapa importante para a reflexão sobre o funcionamento desse discurso. Buscar entender que tipo de sujeito tenta-se construir no texto. Evidencia-se que no plano religioso um sujeito assujeitado, ou um bom sujeito como quer Althusser (1985). O fiel deve recorrer ao Bispo, este por sua vez, faz sua ligação entre o fiel e Deus. Enquanto que no plano terreno busca-se constituir um cada vez mais autodeterminante, que luta contra a infiltração comunista e a política econômica do governo de Juscelino Kubitschek. Quanto mais o indivíduo desce em direção ao temporal, mas ele se torna autodeterminante, autônomo, como se evidencia no fragmento a seguir: “[...] por isso vós deveis continuar lutando, lutando

Sentidos vermelhos nos Anos Dourados: uma análise do anticomunismo Católico em Londrina no período de 1955 a 1958

contra a ingerência indevida do governo na economia das fazendas. Deveis lutar contra esse confisco cambial.” (SIGAUD, 1958, p.8).

Outra questão relevante para a análise é o que Orlandi (1987) chama de processo de silenciamento. Esse processo, que acompanha todas as formas de exercício de poder, faz com que falemos algumas coisas para silenciar outras. Nesse sentido, a questão que deve ser feita aqui é sobre o que Sigaud silencia enquanto fala sobre o comunismo.

Silencia os interesses econômicos dos cafeicultores, silencia a oposição da Igreja à modernização irreversível e, sobretudo, da forma a que se refere ao comunismo, silencia as questões políticas envolvidas em sua configuração, referentes, por exemplo, à sua organização enquanto partido político, semelhante a organização de vários outros(inclusive os de direita e de centro),em que existia uma estrutura piramidal com várias estâncias de poder. Significa dizer que o comunismo, neste discurso, é um bólido de sentidos já colocados em outros lugares, que o apresentam como o lugar do mal e da discórdia, impedindo que outros sentidos possíveis emanem. Assinalemos, ainda, que no mesmo movimento de construção de sentidos e até para criminalizar a ação, o confisco cambial, transmuta-se em prática socialista, promovida por um Estado autoritário (semelhante ao da Rússia) que promove a perigosa socialização da nação.

No ano de 1955, em texto publicado no Jornal Folha de Londrina, o Bispo Sigaud retoma o discurso sobre anticomunismo, como podemos verificar:

Seguindo uma tática uniforme e conhecida, o comunismo procura abalar tudo o que esta firme na sociedade ocidental e cristã, para assim construir a inteira destruição do edifício cuja ruína jurou alcançar. Revoltas, greves, arruaças são os meios com que trabalha a seita moscovita no seio das aglomerações urbanas. No campo, estes recursos não surtem efeito, devido as circunstancias peculiares dos meios rurais, naturalmente pacíficos e tradicionais. Para criar a efervescência na zona rural, os agitadores lançam mão de outros recursos ,que transforma a sociedade pacata dos campos num burburinho de agitação, abalando-a por um alvoroço cego estéril , semelhante ao da sociedade em miniatura, frágil e sutil, que é um formigueiro pisando por um incauto. Esta arma que o comunismo se serve ora revolucionar o campo costumam ser a reforma agraria. (FOLHA DE LONDRINA, 1955, p.7).

Em um primeiro momento do texto, Sigaud constrói um conjunto de representações acerca da ação comunista. Os comunistas são designados através de uma farta gama de adjetivos negativos, com a imagem do mal, tal como as sociedades humanas entendem e significam o fenômeno, a destruição, as arruaças e as greves. Mas, se o

Sentidos vermelhos nos Anos Dourados: uma análise do anticomunismo Católico em Londrina no período de 1955 a 1958

comunismo procurava destruir a sociedade, realizar greves e arruaças, o Bispo de Jacarezinho identifica uma maneira de barrar a infiltração do perigo vermelho. O campo aparece no texto de Sigaud, justamente como um local no qual o comunismo não adentraria. O campo como um lugar idílico, tal qual aparece no texto de Sigaud, fez parte do imaginário da década de 50.

Segundo Velloso (2002), na década de 1950 há uma distinção clara entre o rural visto como a essência do brasileiro, e o urbano, visto como o aparente o grotesco. Se o projeto de JK com suas maquetes grandiosas, industriais, anéis rodoviários, tendiam a ver o rural como um entrave ao desenvolvimento, entretanto esse pequeno mundo continuava a ser idealizado, como matriz e essência da nacionalidade, no qual estava presente a verdadeira face do brasileiro. Já a outra face – o urbano- representava o grotesco.

Mas será que o campo do Norte do Paraná caberia nesta representação dos anos 1950? Será que era tão pacífico assim como a representação de Sigaud o apresenta?

Para reproduzir essa imagem do campo como um lugar idílico, Sigaud teve que silenciar no texto conflitos que haviam se dado anteriormente no meio rural, como por exemplo, a Guerra de Porecatu, luta pela defesa da posse da terra que colocou frente a frente diversos atores sociais como posseiro, grileiro, fazendeiros e o Estado, desencadeando um dos maiores conflitos pela posse da terra do norte do Paraná, no século XX, liderado pelo PCB. Por outro lado, no ano de 1955, os campos do Paraná encontravam-se mais uma vez revolucionados, com um movimento também liderado pelo PCB, que propunha a extensão dos direitos dos trabalhadores rurais. Este movimento culminou com a criação do “Sindicato dos Colonos e Assalariados Agrícolas de Londrina e Região”⁴. Dando continuidade ao sermão o bispo de Jacarezinho afirma.

Toda instituição humana por melhor que seja apresenta imperfeições de que servem os revolucionários para destruí-la. Vede a Igreja Católica, está maravilha de sabedoria e equilíbrio. Pois não falta quem fale da reforma da reforma da estrutura da Igreja. Que de admirar-nos também se fala da necessidade de uma reforma completa da vida agrária? (FOLHA DE LONDRINA, 1958, p.9).

A Igreja, no texto, situa-se historicamente, e tem sua organização própria no conjunto da sociedade. O Bispo utilizou-se dos qualificativos “sabedoria” e “equilíbrio” para designá-la. Mas, ao mesmo tempo, escreve que muitos tentam realizar uma reforma da estrutura da Igreja.

⁴ O sindicato dos Colonos e Assalariados Agrícolas de Londrina e Região foi criado em janeiro de 1956.

Sentidos vermelhos nos Anos Dourados: uma análise do anticomunismo Católico em Londrina no período de 1955 a 1958

Para entendermos os sentidos que emanam dessa fala de Sigaud, temos que relacioná-la ao contexto histórico em que foi proferida.

A partir da década de 1950, a visão de que o comunismo era uma ameaça interna à Igreja se intensificou, na medida em que surgia uma esquerda católica ligada ao trabalho do apostolado leigo, principalmente a Juventude Universitária Católica. Os setores tradicionalistas-Sigaud filiam-se a essa ala da Igreja-discordavam dos religiosos progressistas por duas razões básicas. Primeiro por não concordarem com o ideal de reforma interna da Igreja, segundo, porque a esquerda católica descuidava do combate ao comunismo, priorizando as lutas pelas reformas progressistas da Igreja. A reação foi dura por parte dos setores tradicionalistas da Igreja. O crescimento do progressismo em setores do clero e do laicato foi apresentado como resultado da mais recente ofensiva de Moscou que pretendia enfraquecer a Igreja.

Dessa forma, o bispo Sigaud trouxe para o interior do seu texto um debate que estava ocorrendo na Igreja como um todo evidencia que havia uma vinculação ente a Reforma que estavam propondo para a Igreja e a Reforma Agrária. Ambas aparecem em seu texto como parte do mesmo processo que levaria à infiltração comunista e a reforma na sociedade cristã.

O Bispo de Londrina, D. Geraldo Fernandes- teve sua participação anticomunista evidenciada nas páginas do Jornal Folha de Londrina, em 11 de setembro de 1956, através da participação na Campanha de Educação Cívica e Democrática⁵.

Ninguém pode negar o grave perigo que a ameaça a humanidade com a expansão comunista. Toda a campanha que venha esclarecer e obstaculizar o trabalho dos comunistas deve ser aplaudida e incentivada. Eis a razão porque, recebendo a visita. Eis a razão porque, recebendo a visita do Sr. Gustavo Branco, diretor da Campanha de Educação Cívica e Democrática, não pude deixar de louvar lhe a grande jornada patriótica pelos estados do Brasil. Que o nosso senhor o ajude bastante nesta benemérita campanha. (FOLHA DE LONDRINA, 1956, p.8).

No texto de D.Geraldo Fernandes a expansão do comunismo aparece como um perigo à humanidade e ser um perigo a humanidade não é o mesmo que ser um perigo a sociedade. Podemos perceber no texto, mais uma vez, um processo de desdizer o político que se realiza pelo uso da palavra humanidade em substituição à sociedade.

⁵ Campanha anticomunista nacional, que em sua vertente regional foi fundada por Gustavo Branco. Tal campanha esteve presente no jornal por quase toda a década de cinquenta e era constituída por variadas publicações textuais e iconográficas, além disso, era veiculada em outros espaços sociais como igrejas e escolas.

Sentidos vermelhos nos Anos Dourados: uma análise do anticomunismo Católico em Londrina no período de 1955 a 1958

A atuação da campanha de Educação Moral e Cívica é designada no texto como jornada patriótica. Com isso, o autor provoca um efeito de sentido no qual mostra que a luta contra o comunismo deveria se dar por uma ação militar, liderada por aqueles que possuem amor à pátria.

Ao mesmo tempo ocorre no texto a passagem do plano temporal para o religioso. Se a Campanha de Educação Cívica e Democrática ocorre no plano temporal, o Bispo pede que nosso senhor-portanto no plano religioso-ajude esta campanha. Para os que concentram suas práticas no plano temporal vale o alerta que sem a graça de Deus não há salvação.

Concluimos, portanto, que houve um grande papel exercido pelo Jornal Folha de Londrina no processo. O periódico por toda a década de 1950 atuou como importante divulgador das perspectivas anticomunistas da região. Abrigou falas anticomunistas dos mais diversos setores da sociedade, completadas por seus próprios editoriais, produzindo uma variedade de efeitos de sentidos negativos para o comunismo. Com esta forma de proceder, que não era ingênua, mas sim deliberada, este jornal teve papel destacado na configuração de representações sobre o perigo vermelho no Norte do Paraná.

Considerações Finais

O comunismo foi por muito tempo um espectro rondando a sociedade capitalista. Durante décadas, para grande parte do mundo ocidental liberal, o comunismo foi um espectro que ameaçava os valores e as verdades estabelecidas.

Na constituição de um imaginário sobre o PCB como um inimigo, o “outro”, aturaram os mais variados grupos e setores da sociedade, compondo um arco que ia da esquerda ao fascismo.

Neste artigo procuramos entender como lideranças católicas do Norte do Paraná contribuíram para a constituição de sentidos anticomunistas em Londrina e região. Ao tomar como corpus de análise textos publicados pelo jornal Folha de Londrina entre 1955-1958, procuramos entender o funcionamento do discurso anticomunista durante o governo Jk. Com isso nosso objetivo foi mostrar que as práticas anticomunistas existem e tem importância histórica não apenas em momentos de instabilidade social, em momentos em que se visualiza um perigo iminente, mas também em períodos em que seus fundamentos são menos

Sentidos vermelhos nos Anos Dourados: uma análise do anticomunismo Católico em Londrina no período de 1955 a 1958

perceptíveis, quando é mais difícil de ser identificado, enfim, quando exigem maiores esforços de seus ideólogos.

O discurso anticomunista católico, publicado no Jornal Folha de Londrina de 1955-1958, foi marcado pela justaposição de duas formações discursiva, isso fez com que esses discursos à vontade de Deus e a vontade dos homens buscassem um equilíbrio constante. Ao mesmo tempo havia nos textos a passagem do plano temporal para o religioso, assim a Igreja evidenciava para os que concebiam suas práticas no plano temporal que sem a graça de Deus não haveria salvação.

Pudemos visualizar também a imagem que a Igreja construiu dos comunistas, e quais eram as diferenças necessárias entre cristãos e comunistas para a construção da própria identidade da Igreja naquele momento.

Os comunistas foram designados como infernais, arruaceiros, destruidores da sociedade, agentes da desordem. Contra esses inimigos se reafirmava a sabedoria e o equilíbrio da Igreja Católica do Norte do Paraná.

Com essa construção buscou-se evidenciar a posição da Igreja Católica desta região em um debate em que ocorria na Igreja como um todo. Os setores progressistas surgidos na década de 50 passaram a defender tanto a reforma da Instituição como também, algo bem mais explosivo: a Reforma Agrária. Os líderes católicos do Norte do Paraná voltaram-se contra os setores progressistas da Igreja, e mostraram nos seus textos que a Reforma Agraria e a Reforma da Igreja eram fruto do mesmo processo: o da infiltração comunista no Brasil.

Evidencia-se também que nos textos analisados que em nenhum deles o comunismo foi designado como partido político, em todos eles ocorreu um processo de desdizer o político, colocando sempre alguma (outra) coisa no lugar.

É necessário salientar que o discurso da Igreja naquele momento tentou constituir um determinado sujeito. Um sujeito assujeitado no plano religioso que necessitava das lideranças católicas para pedir proteção a Deus, pois afinal, Deus era inalcançável ao homem comum. Mas, ao mesmo tempo constituiu um sujeito autodeterminante no plano temporal, que combatesse a política econômica do governo JK, e lutasse contra a infiltração comunista no Brasil. Quanto mais o fiel descia ao plano temporal mais autodeterminante se tornava.

RED SENSES IN GOLDEN YEARS: AN ANALYSIS OF CATHOLIC ANTI-COMMUNISM IN LONDRINA AT THE PERIOD BETWEEN 1955 AND 1958

ABSTRACT: *This article aims to analyses the anti-Communism in the period between 1955 and 1958 in Londrina, Paraná, from the event march of Production which was reported by*

Sentidos vermelhos nos Anos Dourados: uma análise do anticomunismo Católico em Londrina no período de 1955 a 1958

Folha de Londrina in 1958. We'll use as methodological the discourse analysis of French substantiated in studies of Pêcheux (1997) and the mechanisms for structuring of anti-Communism discourse of Catholic Londrina leaders from the 1950s. Starting on survey of documentary sources and bibliographical, specially texts produced by representatives of Catholic church in Northern Paraná during the period of proposed analysis. We intend to analyse Catholic anti-Communism from point of view of its elements. The complexity of the political historical period of reference of this article shows how about communism in Folha de Londrina is linked to a discourse on other prebuilt discourses. This article is built in three steps: the first one is JK Years: Anti-Communism while legitimizing the development policy that we will produce an analysis of JK government that stood against to communism while conception of society and economic and political structures. The second one is the multifaceted anti-Communism in Brazil. We focus on the theoretical discussion on the concept of anti-Communism pointing out many Brazilian facets interpretation. The last one, faith and power: Anti-Communism sense and Catholic church in Londrina (1955-1958) will systematize texts of Catholic leaders about communism and finally analyze them with the proposed theoretical framework of discourse analysis.

KEYWORDS: *Communism. Anti-Communism. Discourse analysis. Juscelino Kubitschek, Londrina.*

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 2.ed. Tradução de Valter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- BENEVIDES, M. V. **O governo Kubitschek: a esperança como fator de desenvolvimento**. 2.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.
- BEOZZO, J. O. A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo a redemocratização. In: BORIS, F. (Org.) **História geral da civilização brasileira**. São Paulo: DIFEL, 1964. t.3, v.4. p.129-307.
- BERNSTEIN, S.; BECKER, J. J. **Histoire de l'anticommunisme**. Paris: Olivier Orban, 1987.
- CARDOSO, M. L. **Ideologia do desenvolvimento: Brasil-JK-JQ**. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- CHILCOTE, R. **O partido comunista brasileiro: conflito e integração, 1922-1972**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- FOLHA DE LONDRINA: Textos das lideranças católicas do Norte do Paraná. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA. **Coleção do Centro de Documentação e Pesquisa História de Londrina: CDPH-CCH-UEL**. Londrina: UEL, 1955-1958. (Dossiê).
- GIL, J. Nação. In: _____. **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1989. v.12. p277-278.

Sentidos vermelhos nos Anos Dourados: uma análise do anticomunismo Católico em Londrina no período de 1955 a 1958

GOMES, Â. de C. Qual a cor dos anos dourados? In: CASTRO (Org.). **O Brasil de JK**. 2.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002. p.01-08.

GOENDER, J. O PCB e sua atuação nos anos 50: Waldir José Rampinelli entrevista Jacob Goender. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.23, n.45, p.303-309, jul. 2003.

MAINGUENAU, D. **Initiation aux méthodes d'analyse du discours**. Paris: Hachette, 1976.

MARX, K.; ENGELS, F. **O Manifesto do Partido comunista**. Tradução de Sueli Barros Cassal. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

MOTTA, R. P. S. **Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

OLIVEIRA, J. K. de. **Mensagem ao Congresso Nacional**. Rio de Janeiro. Imprensa Nacional, 1958.

_____. **Mensagem ao Congresso Nacional**. Rio de Janeiro. Imprensa Nacional, 1957.

OLIVEIRA, P. C. **Revolução e contra revolução**. São Paulo: Vera Cruz, 1959.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1987.

_____. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas: Pontes, 1983.

PÊCHEUX, M. **Estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 1997.

RODEGHERO, C. S. **O diabo é vermelho: imaginário anticomunista e a igreja católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

SIGAUD, G. D. **Catecismo Anticomunista**, 3.ed. São Paulo: Vera Cruz, 1958.

SKIDMORE, T. **Brasil: de Getúlio a Castelo (1930-1964)**. São Paulo: Record, 1986.

VELLOSO, M. P. A dupla face de Jânio: romantismo e populismo. In: GOMES, A. C. (Org.). **O Brasil de JK**. 2.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.

VOVELLE, M. **A Revolução Francesa contra a Igreja**. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.